

## Curso de bacharelado em enfermagem: egressos do sexo masculino (2004 a 2017)\*

### Bachelor's degree course in nursing: male egresses (2004 to 2017)\*

DOI:10.34117/bjdv7n5-569

Recebimento dos originais: 25/04/2021

Aceitação para publicação: 25/05/2021

#### **Gláucio Bernardino da Silva**

Discente do Curso de Educação Física  
Universidade de Ribeirão Preto UNAERP - *Campus* Guarujá  
Av. D. Pedro I, 3.300, Enseada, Guarujá, SP  
E-mail: glaucio.silva@sou.unarp.edu.br

#### **Jose Walter Rocha de Macedo**

Discente do Curso de Bacharelado em Enfermagem  
Universidade de Ribeirão Preto UNAERP - *Campus* Guarujá  
Av. D. Pedro I, 3.300, Enseada, Guarujá, SP  
E-mail: jose.macedo@sou.unaerp.edu.br

#### **Luciane Ferreira do Val**

Doutora em Ciências  
Universidade de Ribeirão Preto UNAERP - *Campus* Guarujá  
Av. D. Pedro I, 3.300, Enseada, Guarujá, SP  
E-mail: lval@unaerp.br

### **RESUMO**

Há uma maior inserção de pessoas do sexo masculino na Enfermagem, apesar dessa profissão ainda ser predominantemente feminina. O objetivo do estudo foi verificar o total de egressos do sexo masculino de um Curso Superior de Enfermagem de uma universidade privada do Litoral Sul Paulista, SP, Brasil, e discutir essa inserção a luz da literatura. Para tanto, realizou-se estudo descritivo, documental, retrospectivo, com abordagem quantitativa no período de 2004 a 2017. Os dados foram à listagem dos egressos da referida universidade. A coleta de dados ocorreu em abril e a análise dos dados em agosto de 2018. O estudo apontou: dos 355 (100%) egressos de enfermagem do ano de 2004 a 2017, o ano que mais formou Enfermeiros (as) foi 2005 com 54 (15,2%) e o ano que menos formou foi 2012 com 5 (1,4%). Foi possível verificar que eram egressos do sexo masculino 54 (100%), sendo em 2005, o ano que mais formou 9 (16,7%) Enfermeiros e 2012 e 2014, os anos que menos formaram, 1 (1,9%) enfermeiro por ano, respectivamente. Conclui-se que apesar do ingresso de pessoas do sexo masculino no Curso de Bacharelado em Enfermagem da universidade estudada, o curso ainda é predominantemente de pessoas do sexo feminino. Sugere-se que mais universidades realizem pesquisas nessa temática para que estudos comparativos sejam realizados por regiões no país.

**Palavras-chave:** Enfermeiro, Egressos de Enfermagem, Universidade

## ABSTRACT

There is a greater insertion of male people in Nursing, although this profession is still predominantly female. The objective of this study was to verify the total number of male students in a higher education course at a private school in the South Coast of São Paulo, Brasil, and discuss this insertion in light of the literature. For that, a descriptive, documentary, retrospective study was conducted, with a quantitative approach in the period from 2004 to 2017. The data were a list of the graduates of that university. Data collection took place in April and analysis of data in August 2018. The study pointed out that of the 355 (100%) nursing graduates from 2004 to 2017, the year with most graduates in nursing was 2005 with 54 (15.2%) and the year with the least graduated number was 2012 with 5 (1.4%). It was possible to verify that male graduates were 54 (100%), being in 2005 the year that most formed 9 (16.7%) Nurses and 2012 and 2014, the least graduated years, 1 (1.9%) Nurse per year, respectively. It is concluded that despite the enrollment of male students in the Nursing Bachelor's Degree at the university studied, the course is still predominantly female. It is suggested that more universities carry out research on this subject so that comparative studies are carried out by regions in the country.

**Keywords:** Nurse, Nursing graduates, University

## 1 INTRODUÇÃO

A Enfermagem é composta de 80% de técnicos e auxiliares e de 20% de Enfermeiros (as), segundo a pesquisa inédita do Perfil da Enfermagem no Brasil. Essa pesquisa foi o maior *survey* sobre uma categoria profissional já realizado na América Latina, 1,6 milhão de profissionais. Além disso, o diagnóstico da profissão apontou uma concentração regional na região Sudeste, situações de desgaste profissional, subsalário e tendência à masculinização (COFEN, 2015).

Apesar da equipe de enfermagem ser predominantemente do sexo feminino, 84,6%, ressalta-se, no entanto, que mesmo tratando-se de uma categoria feminina, registra-se a presença de 15% de pessoas do sexo masculino. Acredita-se que está ocorrendo uma tendência à masculinização da categoria, com o aumento crescente do contingente masculino na Enfermagem. É uma situação relativamente recente, com início na década de 1990 (COFEN, 2015).

De fato, existe há essa tendência, pois o estudo sobre a “Percepções de Egressos de Enfermagem Frente à Inserção no Mercado de Trabalho”, realizado com 22 egressos de enfermagem de uma instituição de ensino superior com conclusão da graduação entre os anos de 2008 a 2012, verificou que a maioria dos egressos era do sexo feminino 17 (77,3%) e apenas 5 (22,7%) eram do sexo masculino (CAMBIRIBA; FERRONATO; FONTES, 2014).

No curso de Bacharelado em Enfermagem de uma universidade privada no Litoral Sul Paulista, São Paulo, Brasil, mais especificamente na disciplina de História da Enfermagem,

Ética e Legislação, estuda-se a origem da profissão Enfermagem e a história das pessoas do sexo masculino na profissão.

A disciplina de História de Enfermagem tem em sua ementa a evolução histórica da enfermagem na Europa, América e Brasil, e as reformas desde *Florence Nightingale* até os dias atuais. O papel do enfermeiro (a) no contexto atual da saúde e suas perspectivas futuras. A história da Cruz Vermelha. Estudo das entidades de classe e a história do sindicalismo na enfermagem brasileira. A constituição e as funções do Conselho Regional de Enfermagem (COREn), da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) e do Conselho Federal de Enfermagem (COFEn). Estudo dos aspectos da Ética e Bioética refletindo sobre os problemas morais fundamentados na obrigação, dever e responsabilidade do enfermeiro (a) frente ao exercício profissional. Estudo do Código de Ética dos profissionais da Enfermagem e atenção às infrações e penalidades. Declaração dos Direitos dos Pacientes e à postura do enfermeiro (a) no processo do cuidar (EMENTÁRIO, 2018).

No transcorrer dos conteúdos ministrados, um grupo de discentes do sexo masculino questionou sobre a inserção de pessoas do sexo masculino no curso do Bacharelado em Enfermagem na universidade em que estudam e desse questionamento surgiu a dúvida: Quantos foram os egressos do sexo masculino do Curso de Bacharelado em Enfermagem de uma Universidade Privada do Litoral Sul Paulista, SP, Brasil?

Justifica-se o trabalho pela constatação de escassas pesquisas publicadas sobre egressos de enfermagem e dessas sobre características sociodemográficas dos estudantes, tanto de universidades públicas quanto de universidades privadas, mesmo a Enfermagem sendo historicamente de predominância feminina. Constata-se também, o crescente aumento de egressos do sexo masculino no país. Isso requer atenção no sentido de um acompanhamento por parte das instituições de ensino se isso causará algum impacto na profissão.

Desse modo, o presente estudo objetivou verificar o total de egressos do sexo masculino do Curso de Bacharelado em Enfermagem de uma Universidade Privada do Litoral Sul Paulista, SP, Brasil e discutir a inserção de pessoas do sexo masculino na área da Enfermagem.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa é do tipo análise documental, retrospectiva, com abordagem quantitativa, realizado em uma Universidade Privada do Litoral Sul Paulista, SP, Brasil.

A pesquisa documental é um procedimento metodológico determinante nas Ciências Humanas e Sociais, a maior parte das “fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do

trabalho de investigação” e, portanto, imprescindíveis para o desenvolvimento desse tipo de estudo (SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2009).

A pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, os documentos são considerados como fontes primárias, o que exige do pesquisador análise rigorosa, pois os documentos ainda não passaram por tratamento científico. Entende-se por fonte primária, dados originais que o pesquisador analisa, diferentemente da fonte secundária em que os dados já foram analisados por outros pesquisadores (SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2009).

O documento utilizado nesse estudo foi uma lista dos formandos do Curso de Bacharelado em Enfermagem, por ano, semestre do curso, fornecida pela Divisão de Acompanhamento e Registros Acadêmicos (DARA), *Campus* Guarujá.

Para coleta dos dados foi realizado um levantamento do número total de formandos desde a primeira turma que iniciou em 2001 até dez. de 2017. Portanto, o período de busca foi entre os anos de 2004 a 2017.

O levantamento dos dados ocorreu em abril de 2018 e sua análise em ocorreu em agosto de 2018.

Para análise, os dados foram armazenados na planilha eletrônica *Excel* do Sistema *Microsoft* e apresentados em números absolutos e frequência em porcentagem.

Esse estudo foi autorizado pela Supervisão Acadêmica do *Campus* universitário para divulgação dos dados.

### 3 RESULTADOS

Desde 2004, a universidade forma em seu curso de Bacharelado em Enfermagem Enfermeiros (as) para o mercado de trabalho. Nesses 13 anos, foram formados 355 (100%) Enfermeiros (as). O ano que mais formou Enfermeiros (as) foi 2005 com 54 (15,2%) e o ano que menos formou foi 2012 com 5 (1,4%), como pode ser observado na **Tabela 1**.

Tabela 1 – Egressos do Curso de Bacharelado em Enfermagem de uma Universidade Privada do Litoral Sul Paulista, SP, Brasil por semestre de 2004 a 2017.

Ano/ Semestre	Total de Egressos	
	Nº	%
2004/2	39	11,0
2005/1	02	0,6
2005/2	52	14,6
2006/1	06	1,7
2006/2	37	10,4
2008/2	31	8,7
2009/1	03	0,8
2009/2	24	6,8

2010/1	03	0,8
2010/2	15	4,2
2011/1	06	1,7
2011/2	13	3,7
2012/1	02	0,6
2012/2	03	0,8
2013/1	01	0,3
2013/2	12	3,4
2014/1	09	2,5
2014/2	24	6,8
2015/1	06	1,7
2015/2	22	6,2
2016/1	12	3,4
2016/2	02	0,6
2017/2	31	8,7
<b>Total</b>	<b>355</b>	<b>100,0</b>

Fonte: DARA (2018)

Quanto aos egressos do sexo masculino desde 2004 a 2017 foram 54 (100%), sendo 2005 (16,7%) o ano que mais formou e 2012 e 2014, os anos que menos formaram Enfermeiros 1 (1,9%) por ano, respectivamente, **Tabela 2**).

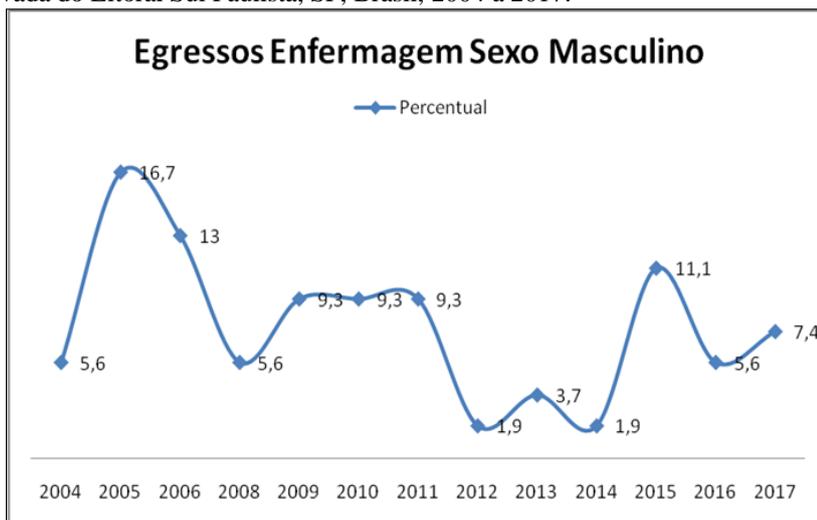
Tabela 2 – Egressos do sexo masculino do Curso de Bacharelado em Enfermagem de uma Universidade Privada do Litoral Sul Paulista, SP, Brasil, por semestre de 2004 a 2017.

Ano	Total de Egressos Sexo Masculino	
	Nº	%
2004	03	5,6
2005	09	16,7
2006	07	13,0
2008	03	5,6
2009	05	9,3
2010	05	9,3
2011	05	9,3
2012	01	1,9
2013	02	3,7
2014	01	1,9
2015	06	11,1
2016	03	5,6
2017	04	7,4
<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>100,0</b>

Fonte: DARA (2018)

Observa-se a distribuição dos dados ao longo dos anos na **Figura 1**.

Figura 1 – Distribuição dos egressos do sexo masculino do Curso de Bacharelado em Enfermagem de uma Universidade Privada do Litoral Sul Paulista, SP, Brasil, 2004 a 2017.



Fonte: DARA (2018)

#### 4 DISCUSSÃO

Os dados apresentados mostram um aumento no número de egressos do sexo masculino, mas não houve um padrão fixo. Houve um pico de 16,7% no ano de 2005, porém em nenhum outro ano chegou ou ultrapassou esse patamar. O ano mais próximo foi 2006 com 13,0%. Percebe-se que foi mantido nessa instituição de ensino o predomínio de egressos do sexo feminino (84,8%).

Historicamente a profissão de enfermagem está vinculada ao cuidado e essa prática é culturalmente feminina, como uma mãe que cuida do filho. *Florence Nightingale* foi à base da enfermagem moderna, muito a frente do seu tempo e criou práticas de enfermagem em bases científicas, difundindo assim a arte do cuidar para todo o mundo (SOUZA, et al. 2006).

Pessoas do sexo masculino na Enfermagem surgiram muito depois, só ocupavam esse posto quando não serviam para a guerra, fazendo disso uma espécie de “castigo” (DINIZ, 2017). Ainda segundo esse autor, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche atuou como enfermeiro na Guerra Franco-Prussiana (1870), porém não pode continuar por problemas de saúde.

No Brasil a inserção do homem foi na década de 80, quando foi fundada a primeira escola de enfermagem para homens e mulheres, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), Rio de Janeiro, Brasil, antiga Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE). Com a mudança na diretoria da escola que anteriormente era realizada por religiosas, o governo e a classe médica enxergavam a problemática da qualidade do cuidado aos doentes e passou a direção a um homem, Teixeira Brandão que recompôs todo o quadro colocando

enfermeiros para cuidar dos homens e enfermeiras para cuidar das mulheres nos hospícios e hospitais da República (MOREIRA, PORTO, OGUISSO, 2002).

O que se percebe, cada vez mais pessoas do sexo masculino estão ganhando espaço na Enfermagem, porém, é uma mudança gradativa e lenta. Isso teoricamente deve-se ao preconceito relacionado à profissão (DINIZ, 2017).

No ano 2000, estudo fenomenológico que desvelou a trajetória de 8 enfermeiros formados em uma escola pública demonstrou a difícil inserção do enfermeiro no mercado de trabalho, pois muitos hospitais particulares de São Paulo não admitiam enfermeiros; os enfermeiros possuíam bom relacionamento interpessoal com a equipe de Enfermagem; as equipes médicas valorizavam o trabalho desse profissional exercido com competência no desempenho de suas funções; as pacientes do sexo feminino aceitavam serem cuidadas pelos Enfermeiros e no relacionamento interpessoal com as enfermeiras, existia discriminação por parte de algumas (SANTOS, TAKAHASHI, 2000).

Diniz (2017) relata que há frequente discriminação do Enfermeiro tanto na graduação, quanto no campo de trabalho, principalmente no contexto social onde o preconceito ainda é muito forte, tendo sua orientação sexual questionada muitas vezes.

No ensino, faz-se necessário uma atenção especial dos docentes, pois estudo sobre *A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira* descreve que pode existir uma “seleção dos pacientes e técnicas mais adequadas às habilidades de gênero”, exemplo, no cuidado com recém-nascidos e prematuros, relatados por graduandos de Enfermagem que são excluídos pelas docentes por acreditarem que eles não têm habilidades para “cuidar com destreza, segurança e carinho, visto a fragilidade dos pacientes e os “modos de ser” mais “masculinos” (aspas dos autores), (LOPES, LEAL, 2005).

Apesar de anualmente, a Enfermagem ser procurada cada vez mais por pessoas do sexo masculino, constata-se uma baixa produção acadêmica referente a esse fenômeno (AQUINO, ARAGÃO, 2017).

Estudo mais recente analisou os impactos que o trabalho noturno apresenta na vida de 72 profissionais de enfermagem do sexo masculino, apesar de abranger toda a equipe de enfermagem (enfermeiro, técnico e auxiliar), já demonstra a atenção com essa parcela de profissionais. O estudo utilizou o instrumento – WHOQOL - bref, mensurou e analisou a qualidade de vida dos participantes do estudo e verificou que as condições de trabalho interferem na profissão e detectou que existem dificuldades vivenciadas pelas pessoas do sexo masculino da equipe de Enfermagem que abrangem problemas nas relações sociais, psicológicas, físicas e gerais do ambiente (AQUINO, ARAGÃO, 2017).

Destaca-se a importância de promover igualdade de gênero nas profissões, em especial na enfermagem.

Sabe-se que o trabalho feminino muitas vezes carece de respeito, oportunidades e equidade salarial, sofrendo diversos estereótipos. Porém, o que se prega é a isonomia das condições de trabalho entre homens e mulheres, políticas isentas de segregação e uma sociedade consciente da necessidade de mudanças culturais e corporativas no mercado de trabalho (JULIÃO, DIB, OLIVERIA, 2021)

## 5 CONCLUSÕES

O objetivo do artigo foi atingido ao verificar o total de egressos do sexo masculino de um curso de Bacharelado em Enfermagem de uma Universidade Privada do Litoral Sul Paulista, SP, Brasil. O estudo apontou que dos 355 (100%) egressos do ano de 2004 a 2017, eram do sexo masculino 54 (100%). O ano que mais formou Enfermeiros foi 2005 (16,7%) e o ano que menos formou foi 2012 e 2014, com 1 (1,9%) por ano, respectivamente.

Acredita-se que apesar da Enfermagem ser uma profissão ainda predominantemente feminina, tem ocorrido uma maior procura dessa profissão por pessoas do sexo masculino.

Sugere-se que as universidades realizem pesquisas documentais nos Cursos de Bacharelado em Enfermagem para mais comparações, se há diferenças na procura entre universidades públicas e privadas e se essa nova tendência poderá impactar em mudanças na profissão.

## AGRADECIMENTOS

A Sílvia Lucia Paganelli Silva Ferreira, Divisão de Acompanhamento e Registros Acadêmicos (DARA) pelo fornecimento dos dados.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, R. L.; ARAGÃO, A. S. Impacto do trabalho noturno na vida do profissional de enfermagem do sexo masculino. **Rev. enferm. UFPE on line**; 11(10): 3725 - 3731, out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/22813/24270> Acesso em: 16 set. 2018.

CAMBIRIBA, T. F. C.; FERRONATO, A. F.; FONTES, K. B. Percepções de egressos de enfermagem frente à inserção no mercado de trabalho. **Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 27-32, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5155> Acesso em: 16 set. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem**. 2015. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem\\_31258.html](http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html) Acesso em: 16 set. 2018.

DINIZ, E. **Como é ser homem em uma profissão historicamente feminina?** Minha experiência atuando na enfermagem. 2017. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/como-e-ser-homem-em-uma-profissao-historicamente-feminina/> Acesso em: 16 set. 2018.

EMENTÁRIO. Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) – Campus Guarujá. **Curso de Bacharelado em Enfermagem**. 2018. (documento interno)

LOPES, M. J. M.; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 24, p. 105-125, June 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 Sept. 2018.

JULIÃO, Helena Vicentini; DIB, Aline Michelle; OLIVEIRA, Letícia Trevizolli. Desigualdade de gênero no mercado de trabalho e as formas de enfrentamento alicerçadas na OIT. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 3 p. 24482-24499, mar. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/26114/20711>. Acesso em 02 mai. 2021.

MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando; OGUISSO, Taka. Registros noticiosos sobre a escola profissional de enfermeiros e enfermeiras na revista "O Brazil-Médico", 1890-1922. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 402-407, Dec. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342002000400015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342002000400015&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 Sept. 2018.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais RBHCS**. v. 1, n.1, 1-15, 2009.

SANTOS, C. E.; TAKAHASHI, R. T. Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico. **Rev Bras Enferm**; 53(2): 183-91, abr.-jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v53n2/v53n2a03.pdf>. Acesso em: 20 Sept. 2018.

SOUZA, A. C. C. et al . Formação do enfermeiro para o cuidado: reflexões da prática profissional. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 59, n. 6, p. 805-807, Dec. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672006000600016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000600016&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 Sept. 2018.